

# ÍNDICE

Personagens Principais .....	11
------------------------------	----

## PRIMEIRA PARTE

### A Outra Face

Capítulo 1 — 1933 .....	17
Capítulo 2 — 1935 .....	84
Capítulo 3 — 1936 .....	143
Capítulo 4 — 1937 .....	211
Capítulo 5 — 1939 .....	248

## SEGUNDA PARTE

### Uma Era de Sangue

Capítulo 6 — 1940 (I) .....	295
Capítulo 7 — 1940 (II) .....	337
Capítulo 8 — 1941 (I) .....	378
Capítulo 9 — 1941 (II) .....	447
Capítulo 10 — 1941 (III) .....	473
Capítulo 11 — 1941 (IV) .....	496
Capítulo 12 — 1942 (I) .....	516

Capítulo 13 — 1942 (II) .....	542
Capítulo 14 — 1942 (III) .....	584
Capítulo 15 — 1943 (I) .....	607
Capítulo 16 — 1943 (II) .....	631
Capítulo 17 — 1943 (III) .....	650
Capítulo 18 — 1944 .....	667
Capítulo 19 — 1945 (I) .....	705
Capítulo 20 — 1945 (II) .....	730

### TERCEIRA PARTE

#### A Paz Fria

Capítulo 21 — 1945 (III) .....	753
Capítulo 22 — 1946 .....	771
Capítulo 23 — 1947 .....	791
Capítulo 24 — 1948 .....	802
Capítulo 25 — 1949 .....	821
Agradecimentos .....	829

## PERSONAGENS PRINCIPAIS

### Personagens Americanas

#### *Família Dewar*

Senador Gus Dewar

Rosa Dewar, sua esposa

Woody Dewar, seu filho mais velho

Chuck Dewar, seu filho mais novo

Ursula Dewar, mãe de Gus

#### *Família Péchkov*

Lev Péchkov

Olga Péchkov, sua esposa

Daisy Péchkov, sua filha

Marga, amante de Lev

Greg Péchkov, filho de Lev e Marga

Gladys Angelus, estrela de cinema, também amante de Lev

#### *Família Rouzrokh*

Dave Rouzrokh

Joanne Rouzrokh, sua filha

#### *Membros da sociedade de Buffalo*

Dot Renshaw

Charlie Farquharson

#### *Outros*

Joe Brekhunov, rufia

Brian Hall, sindicalista

Jacky Jakes, aspirante a atriz

Eddie Parry, marinheiro, amigo de Chuck  
Capitão Vandermeier, superior de Chuck  
Margaret Cowdry, bela herdeira

*Personagens verídicas*

Presidente F. D. Roosevelt  
Marguerite «Missy» LeHand, sua assistente  
Vice-presidente Harry Truman  
Cordell Hull, secretário de Estado  
Sumner Welles, subsecretário de Estado  
Coronel Leslie Groves, do Corpo de Engenheiros do Exército

Personagens Inglesas

*Família Fitzherbert*

Conde Fitzherbert, conhecido por Fitz  
Princesa Bea, sua esposa  
Boy Fitzherbert, visconde Aberowen, seu filho mais velho  
Andy, seu filho mais novo

*Família Leckwith-Williams*

Eth Leckwith (apelido de solteira Williams), deputada por  
Aldgate  
Bernie Leckwith, seu marido  
Lloyd Williams, filho de Ethel e enteado de Bernie  
Millie Leckwith, filha de Ethel e Bernie

*Outros*

Ruby Carter, amiga de Lloyd  
Bing Westhampton, amigo de Fitz  
Lindy e Lizzie Westhampton, filhas gêmeas de Bing  
Jimmy Murray, filho do general Murray  
May Murray, sua irmã  
Marquês de Lowther, conhecido por Lowthie  
Naomi Avery, amiga íntima de Millie  
Abe Avery, irmão de Naomi

*Personagens verídicas*

Ernest Bevin, deputado, ministro dos Negócios Estrangeiros

## Personagens Alemãs e Austríacas

### *Família Von Ulrich*

Walter von Ulrich

Maud, sua esposa (nome de solteira Lady Maud Fitzherbert)

Erik, seu filho mais velho

Carla, sua filha

Ada Hempel, criada

Kurt, filho ilegítimo de Ada

Robert von Ulrich, primo em segundo grau de Walter

Jörg Schleicher, companheiro de Robert

Rebecca Rosen, uma órfã

### *Família Franck*

Ludwig Franck

Monika, sua esposa (nome de solteira Monika von der Helbard)

Werner, seu filho mais velho

Frieda, sua filha

Axel, seu filho mais novo

Ritter, motorista

Conde Konrad von der Helbard, pai de Monika

### *Família Rothmann*

Dr. Isaac Rothmann

Hannelore Rothmann, sua esposa

Eva, sua filha

Rudi, seu filho

### *Família Von Kessel*

Gottfried von Kessel

Heinrich von Kessel, seu filho

### *Gestapo*

Comissário Thomas Macke

Inspetor Kringelein, superior de Macke

Reinhold Wagner

Klaus Richter

Günther Schneider

### *Outros*

Hermann Braun, amigo íntimo de Erik

Sargento Schwab, jardineiro

Wilhelm Frunze, cientista

## Personagens Russas

### *Família Péchkov*

Grigori Péchkov

Katerina, sua esposa

Vladímir, seu filho, conhecido por Volódia

Ánia, sua filha

### *Outros*

Zoia Vorotsíntseva, física

Iliá Dvórkin, oficial da polícia secreta

Coronel Lemítov, superior de Volódia

Coronel Bobrov, oficial do Exército Vermelho em Espanha

### *Personagens verídicas*

Lavrênti Béria, chefe da polícia secreta

Viatcheslav Mólotov, ministro dos Negócios Estrangeiros

## Personagens Espanholas

Teresa, professora de alfabetização

## Personagens Galesas

### *Família Williams*

Dai Williams, avô

Cara Williams, avó

Billy Williams, deputado por Aberowen

Dave, seu filho mais velho

Keir, seu filho mais novo

### *Família Griffiths*

Tommy Griffiths, agente de ligação política de Billy Williams

Lenny Griffiths, seu filho

PRIMEIRA PARTE  
A OUTRA FACE

## CAPÍTULO 1

1933

Carla sabia que os pais estavam prestes a ter uma discussão. Assim que entrou na cozinha, sentiu a hostilidade, como o frio cortante do vento que soprava pelas ruas de Berlim antes de uma tempestade de neve em fevereiro. Quase deu meia-volta para sair.

Era pouco habitual os pais discutirem. Eram normalmente afetuosos, talvez até demais. Carla encolhia-se quando eles se beijavam em frente das outras pessoas. Os amigos achavam estranho, pois os seus pais não o faziam. Uma vez comentara isso com a mãe, que se rira, agradada, e dissera: — No dia a seguir ao nosso casamento, eu e o teu pai fomos separados devido à Grande Guerra. — A mãe era inglesa de nascimento, embora mal se notasse. — Fiquei em Londres, e ele veio para a Alemanha, alistar-se no exército. — Carla ouvira aquela história muitas vezes, mas a mãe nunca se cansava de a contar. — Pensávamos que a guerra iria durar três meses, mas só o voltei a ver cinco anos depois. Durante todo esse tempo, ansiava tocar-lhe. Agora nunca me canso.

O pai era igualzinho. — A tua mãe é a mulher mais inteligente que conheci — declarara ali na cozinha havia apenas uns dias. — Foi por isso que me casei com ela. Não teve nada a ver com... — Interrompera-se e ele e a mãe haviam-se rido como dois conspiradores, como se Carla, com onze anos de idade, nada soubesse de sexo. Era tão embaraçoso!

Todavia, de vez em quando tinham uma discussão. Carla reconhecia os sinais e sabia que estava prestes a rebentar uma.

Estavam sentados em lados opostos da mesa da cozinha. O pai trajava um fato cinzento-escuro, que lhe dava um ar sombrio, uma camisa branca impecavelmente engomada e uma gravata de cetim preto. A sua aparência era esmerada, como sempre, embora o cabelo já rareasse e o colete fizesse um bojo sob a corrente do relógio de ouro. Tinha o rosto imóvel, numa expressão de falsa calma. Carla conhecia aquele olhar. O pai ostentava-o quando um dos membros da família fizera algo que o irritara.

Segurava na mão um exemplar do semanário para o qual a mãe trabalhava, *Der Demokrat*. Escrevia uma coluna de comentários políticos e diplomáticos sob o nome de Lady Maud. O pai começou a ler em voz alta: — O nosso novo chanceler, Herr Adolf Hitler, fez a sua estreia na sociedade diplomática na receção do presidente Hindenburg.

Carla sabia que o presidente era o chefe de Estado. Era eleito, mas situava-se acima das brigas da política do dia a dia, agindo como árbitro. O chanceler era o primeiro-ministro. Embora Hitler tivesse sido nomeado chanceler, o seu partido nazi não tinha a maioria no Reichstag — o Parlamento alemão —, portanto, de momento, os outros partidos podiam controlar os excessos nazis.

O pai falava com desagrado na voz, como se se visse forçado a mencionar algo repelente, como dejetos. Continuou a ler: — Parecia pouco à-vontade no seu fraque.

A mãe de Carla ia bebendo lentamente o café e observava a rua pela janela, como se estivesse interessada nas pessoas que se apressavam a caminho do trabalho, agasalhadas com cachecóis e luvas. Também ela fingia estar calma, mas Carla sabia que apenas esperava a sua oportunidade.

A criada, Ada, encontrava-se de pé, junto ao balcão, a cortar queijo. Pousou um prato defronte do pai, que ele ignorou. — Herr Hitler ficou visivelmente encantado com Elisabeth Cerruti, a refinada esposa do embaixador italiano, no seu vestido de veludo cor-de-rosa-claro, debruado a zibelina — prosseguiu.

A mãe descrevia sempre os trajes das pessoas, dizendo que ajudava os leitores a visualizá-los. Ela própria tinha belas roupas, mas os tempos estavam difíceis, e havia anos que não comprava nada novo. Naquela manhã tinha um ar esbelto e elegante no seu vestido de caxemira azul-marinho, que tinha provavelmente tantos anos como Carla.

— A *signora* Cerruti, que é judia, é uma fascista apaixonada, e conversaram durante largos minutos. Terá pedido a Hitler que parasse de atizar o ódio contra os Judeus? — O pai pousou a revista na mesa com um estalo.

*Aí vem*, pensou Carla.

— Dás-te conta de que isto vai enfurecer os nazis? — inquiriu.

— Espero que sim — retorquiu a mãe friamente. — No dia em que fiquem satisfeitos com o que eu escrevo, desistirei.

— São perigosos quando os irritamos.

Os olhos da mãe cintilaram de fúria. — Não te atrevas a tratar-me com condescendência, Walter. Sei que são perigosos. É por isso que me oponho a eles.

— Só não vejo a vantagem de os enfurecer.

— Tu ataca-los no Reichstag. — O pai era um representante parlamentar eleito pelo Partido Social-Democrata.

— Participo num debate racional.

*Isto é típico*, pensou Carla. O pai era lógico, cauteloso, respeitador da lei. A mãe tinha estilo e humor. Ele levava a sua avante por meio da calma e da persistência, ela pelo encanto e atrevimento. Nunca estariam de acordo.

O pai acrescentou: — Eu não deixo os nazis loucos de fúria.

— Talvez porque não os prejudicas muito.

A presença de espírito da mãe irritou-o, e falou num tom mais alto: — E acreditas que os prejudicas com piadas?

— Eu troço deles.

— O que, para ti, substitui os argumentos.

— Creio que necessitamos de ambos.

O pai ficou ainda mais zangado. — Mas, Maud, não vês como pões em perigo a tua pessoa e a tua família?

— Pelo contrário! O verdadeiro perigo é *não* troçar dos nazis. Como seria a vida dos nossos filhos se a Alemanha se tornasse um Estado fascista?

Aquele tipo de conversa deixava Carla nauseada. Não suportava ouvir que a sua família corria perigo. A vida tinha de continuar como sempre. Desejava poder ficar sentada na cozinha por uma eternidade de manhãs, com os pais em lados opostos da mesa de pinho, Ada junto do balcão e o som dos passos pesados do irmão, Erik, lá em cima, de novo atrasado. Porque haveriam as coisas de mudar?

Escutara conversas sobre política a todos os pequenos-almoços da sua vida e julgava compreender o que os pais faziam e como planeavam transformar a Alemanha num lugar melhor para todos. Nos últimos tempos, porém, haviam começado a falar de um modo diferente. Aparentemente, pensavam que se aproximava um perigo terrível, mas Carla não conseguia imaginar bem de que se tratava.

O pai insistiu: — Deus sabe que faço os possíveis por controlar o Hitler e a sua ralé.

— E eu também! Mas tu acreditas que segues um caminho sensato. — O rosto da mãe endureceu de ressentimento. — Ao passo que eu sou acusada de pôr a família em perigo.

— E com toda a razão — irritou-se o pai. A discussão ainda ia no início, mas naquele momento Erik desceu as escadas, qual cavalo a trote, e irrompeu na cozinha com a pasta da escola a balançar ao ombro. Tinha treze anos, dois anos mais velho que Carla, e no lábio superior irrompiam uns medonhos pelos pretos. Quando eram pequenos, brincavam sempre um com o outro, mas esses tempos haviam terminado,

pois, desde que ficara tão alto, fingia que a considerava estúpida e infantil. Na verdade, Carla era mais inteligente que Erik e sabia muita coisa que ele não compreendia, como os ciclos mensais da mulher.

— Como se chama aquela última composição que a mãe tocou? — perguntou ele a Maud.

Era vulgar serem acordados pelo som do piano, um *Steinway* de cauda, herdado, à semelhança da casa, dos pais do pai. A mãe tocava de manhã, porque, conforme dizia, estava demasiado ocupada durante o resto do dia e demasiado cansada à noite. Naquela manhã interpretara uma sonata de Mozart, seguida de um tema de *jazz*.

— Chama-se *Tiger Rag* — explicou ela a Erik. — Queres queijo?

— O *jazz* é decadente — afirmou Erik.

— Não sejas tolo.

Ada entregou a Erik um prato de queijo e salsichas fatiadas e o rapaz começou a devorar a comida. Carla achava as suas maneiras deploráveis.

O pai mostrou uma expressão severa. — Quem te tem andado a ensinar esses disparates, Erik?

— O Hermann diz que o *jazz* não é música, é só os pretos a fazerem barulho. — Hermann Braun, cujo pai era membro do Partido Nazi, era o melhor amigo de Erik.

— Ele devia tentar tocá-lo. — O pai olhou para a mãe e a sua expressão suavizou-se. Ela sorriu-lhe e ele prosseguiu: — Há muitos anos, a vossa mãe tentou ensinar-me *ragtime*, mas não conseguiu dominar o ritmo.

A mãe riu-se. — Era como tentar fazer uma girafa andar de patins.

Carla percebeu, aliviada, que a discussão terminara e começou a sentir-se melhor. Pegou numa fatia de pão preto e mergulhou-a em leite.

Agora, porém, era Erik quem queria discutir. — Os pretos são uma raça inferior — declarou em tom de desafio.

— Duvido muito — contrapôs o pai pacientemente. — Se um rapaz preto crescesse numa bela casa cheia de livros e quadros, e fosse enviado para uma escola cara com bons professores, talvez se viesse a revelar mais inteligente que tu.

— Isso é ridículo! — protestou Erik.

A mãe interveio: — Não chames ridículo ao teu pai, meu pateta. — Falou suavemente, pois já consumira a raiva na discussão com o pai. Agora parecia apenas desapontada. — Não sabes do que estás a falar, e o mesmo se passa com o Hermann Braun.

Erik insistiu: — Mas a raça ariana deve ser superior. Afinal, governamos o mundo!

— Os teus amigos nazis não sabem nada de História — declarou o pai. — Os antigos Egípcios construíram as pirâmides quando os Alemães viviam em cavernas. Os Árabes dominavam o mundo na

Idade Média; os muçulmanos conheciam a álgebra quando os príncipes alemães não sabiam escrever o próprio nome. Não tem nada a ver com a raça.

Carla enrugou a testa e perguntou: — Então, tem a ver com quê?

O pai olhou-a afetuosamente. — É uma pergunta excelente e o facto de a fazeres mostra que és uma menina inteligente. — Aquele elogio fê-la afogues-se de prazer. — As civilizações erguem-se e caem, os Chineses, os Astecas, os Romanos, mas ninguém sabe exactamente o motivo.

— Acabem de comer e vistam os casacos — lembrou a mãe. — Está a fazer-se tarde.

O pai tirou o relógio do bolso do colete e olhou para ele com as sobrancelhas erguidas. — Ainda não é tarde.

— Tenho de levar a Carla a casa dos Franck — explicou a mãe. — A escola das raparigas está fechada por um dia, algo relacionado com a reparação da fornalha, e, por isso, a Carla vai passar o dia com a Frieda.

Frieda Franck era a melhor amiga de Carla. As mães também eram amigas íntimas. Na verdade, quando eram novas, a mãe de Frieda, Monika, estivera apaixonada pelo seu pai — um facto hilariante que a avó de Frieda revelara certo dia, depois de beber demasiado espumante.

O pai inquiriu: — Porque é que a Ada não pode tomar conta da Carla?

— A Ada tem uma consulta no médico.

— Ah!

Carla esperava que o pai perguntasse o que se passava com Ada, mas ele assentiu, como se já soubesse, e guardou o relógio. Carla queria perguntar, mas algo lhe disse que não devia. Tentou não se esquecer de perguntar à mãe mais tarde, pondo o assunto imediatamente de lado.

O pai saiu primeiro, envergando um sobretudo preto. Depois Erik pôs o boné — empoleirando-o na cabeça o mais atrás possível sem que caísse, como era moda entre os amigos — e seguiu o pai.

A mãe e Carla ajudaram Ada a levantar a mesa. Gostava de Ada quase tanto como da mãe. Quando era pequena, Ada tomara conta dela a tempo inteiro, até ter idade de ir à escola, pois a mãe sempre trabalhara. Ada ainda não se casara. Tinha vinte e nove anos e não era nada bonita, embora o seu sorriso fosse lindo e bondoso. No verão anterior, tivera um romance com um polícia, Paul Huber, que, todavia, não durara.

Parando ao lado da mãe em frente do espelho do vestíbulo, puseram ambas os chapéus. A mãe levou o seu tempo. Escolheu um feltro azul-escuro, de copa redonda e aba estreita, do género que todas as mulheres

usavam naquele momento. Todavia, inclinou o seu num ângulo diferente, dando-lhe um ar chique. Enquanto punha o seu boné de lã tricotada, Carla pensou se alguma vez viria a ter o sentido de estilo da mãe. Esta fazia lembrar uma deusa da guerra, com o seu longo pescoço, o queixo e as maçãs do rosto esculpidos em mármore branco; era linda, sem dúvida, mas decididamente não o que se costumava chamar bonita. Carla tinha o mesmo cabelo escuro e olhos verdes, mas era mais parecida com uma boneca gorducha que com uma estátua. Certa vez, ouvira acidentalmente a avó dizer à mãe: — Verá que o seu patinho feio se irá transformar num cisne. — Carla continuava à espera que tal sucedesse.

Quando a mãe ficou pronta, saíram. A sua casa erguia-se numa fila de altas moradias elegantes no bairro Mitte, o antigo centro da cidade, construído para ministros e oficiais do exército de alta patente, tal como o avô de Carla, que trabalhara nos edifícios governamentais das proximidades.

Ela e a mãe apanharam um carro elétrico, que seguiu ao longo de Unter den Linden, mudando em seguida para o *S-Bahn*<sup>1</sup>, de Friedrichstrasse até à estação do Jardim Zoológico. Os Franck viviam no subúrbio de Schöneberg, a sudoeste.

Carla tinha esperança de ver o irmão de Frieda, Werner, que tinha catorze anos. Gostava dele. Por vezes, ela e Frieda imaginavam que cada uma casaria com o irmão da outra e que viveriam em casas contíguas, vindo os seus filhos a tornar-se amigos íntimos. Para Frieda não passava de um jogo, mas Carla encarava-o seriamente em segredo. Werner era bonito e crescido e nada tolo, como Erik. Na casa de bonecas do seu quarto, o pai e a mãe que dormiam lado a lado na cama de casal em miniatura chamavam-se Carla e Werner, mas ninguém o sabia, nem mesmo Frieda.

A amiga tinha um outro irmão, Axel, de sete anos, mas nascera com espinha bífida e necessitava de cuidados médicos constantes. Vivia num hospital especial nos arredores de Berlim.

Durante a viagem, a mãe mostrou-se preocupada. — Espero que não aconteça nada — murmurou para si própria ao saírem do comboio.

— É claro que não — sossegou-a Carla. — Vou passar um belo dia com a Frieda.

— Não me referia a isso. Estava a falar do meu parágrafo sobre o Hitler.

— Corremos perigo? O pai tinha razão?

— O teu pai tem normalmente razão.

— Que nos acontecerá, se aborrecermos os nazis?

---

<sup>1</sup> Sistema de transporte ferroviário misto que opera no centro da cidade e nos subúrbios. (NT)

A mãe olhou para ela longamente com uma expressão estranha e depois interrogou-se: — Santo Deus, para que tipo de mundo te trouxe eu? — Em seguida calou-se.

Após uma caminhada de dez minutos, chegaram a uma moradia imponente, que se erguia num vasto jardim. Os Franck eram ricos: o pai de Frieda, Ludwig, era dono de uma fábrica que fazia telefonias. Viam-se dois carros no acesso à casa. O preto, grande e lustroso, pertencia a Herr Franck. O motor ressoava baixo, e uma nuvem de vapor azulado soltava-se do tubo de escape. O motorista, Ritter, com as calças do uniforme entaladas nas botas de cano alto, perfilava-se de boné na mão, pronto a abrir a porta. Curvou-se e cumprimentou: — Bom dia, Frau von Ulrich.

O segundo carro era um pequeno automóvel verde de dois lugares. Um homem baixo de barba grisalha saiu da casa, transportando a sua mala de couro, e cumprimentou a mãe, levando a mão ao chapéu, ao entrar no pequeno carro.

— Que fará aqui o doutor Rothmann, tão cedo de manhã? — interrogou-se a mãe, ansiosa.

Em breve descobriram, pois a mãe de Frieda, Monika, apareceu à porta. Era uma mulher alta com uma farta cabeleira ruiva, e a ansiedade espelhava-se no seu rosto pálido. Em vez de as convidar a entrar, deteve-se ali, como que a barrar-lhes a entrada.

— A Frieda tem sarampo! — anunciou-lhes.

— Lamento imenso! — exclamou a mãe. — Como está ela?

— Infelicíssima. Tem febre e tosse, mas o doutor Rothmann diz que vai ficar bem. Todavia, está de quarentena.

— É claro. Já tiveste sarampo?

— Sim, em rapariga.

— E o Werner também. Recordo-me que teve uma terrível erupção no corpo todo. E quanto ao teu marido?

— O Ludi teve-o em rapaz.

Ambas as mulheres olharam para Carla, que nunca tivera sarampo. A menina apercebeu-se que aquilo significava que não podia passar o dia com Frieda.

Ficou desapontada, mas a mãe parecia realmente abalada. — A revista desta semana é o nosso número eleitoral, não posso faltar. — Estava desesperada. Todos os adultos se mostravam apreensivos com as eleições nacionais, que iriam realizar-se no domingo seguinte. Tanto a mãe como o pai receavam que os nazis tivessem resultados suficientemente bons que lhes permitissem apoderar-se totalmente do governo. — E, ainda por cima, uma grande amiga minha vem de Londres visitar-me. Será que consigo convencer o Walter a tirar um dia para tomar conta da Carla?

Monika sugeriu: — Porque não lhe telefonas?

Não havia muita gente com telefone em casa, mas os Franck tinham, e a mãe e Carla entraram no vestíbulo. O aparelho encontrava-se sobre uma mesa de pernas frágeis junto da porta. A mãe levantou o auscultador e deu o número do gabinete do pai no Reichstag, o edifício do Parlamento. Posta em contacto com ele, explicou a situação. Escutou por um minuto, revelando uma expressão aborrecida.

— A minha revista vai incitar cem mil leitores a fazer campanha pelo Partido Social-Democrata — lembrou. — Tens mesmo algo mais importante que isso para fazer hoje?

Carla sabia bem como terminaria aquela discussão. Sabia que o pai a adorava, mas, durante os seus onze anos de vida, nunca tomara conta dela um dia inteiro. Os pais de todas as suas amigas eram iguais. Os homens não faziam esse tipo de coisas, mas, por vezes, a mãe fingia desconhecer as regras por que se regiam as mulheres.

— Então, vou ter de a levar comigo para o escritório — disse a mãe para o aparelho. — Nem quero pensar no que dirá o Jochmann. — Herr Jochmann era o patrão. — Não é lá grande feminista, na melhor das hipóteses. — E pousou o auscultador sem se despedir.

Carla detestava que brigassem e era já a segunda vez no mesmo dia. Fazia com que o mundo inteiro parecesse inseguro. Tinha muito mais medo de brigas que dos nazis.

— Bom, vamos lá — disse-lhe a mãe, dirigindo-se à porta.

*Nem sequer vou ver o Werner*, pensou Carla, infeliz.

Naquele momento, o pai de Frieda apareceu no vestíbulo, um homem de rosto rosado e um pequeno bigode preto, enérgico e bem-disposto. Cumprimentou alegremente a mãe, que se deteve para lhe falar educadamente, enquanto Monika o ajudava a vestir o sobretudo com gola de pele.

Dirigiu-se ao fundo das escadas. — Werner! — bradou. — Vou-me embora sem ti! — Pôs um chapéu de feltro cinzento e saiu.

— Estou pronto, estou pronto! — Werner correu pelas escadas abaixo como um dançarino. Era tão alto como o pai e mais bonito, com cabelo loiro-arruivado, que usava demasiado comprido. Debaixo do braço, trazia uma pasta de couro que parecia cheia de livros; na outra mão, segurava um par de patins de gelo e um taco de hóquei. Parou, apressado, para dizer educadamente: — Bom dia, Frau von Ulrich. — Em seguida, num tom mais informal: — Olá, Carla. A minha irmã tem sarampo.

Carla sentiu-se corar sem qualquer motivo. — Já sei — retorquiu. Tentou pensar em algo agradável e divertido para dizer, mas nada lhe ocorreu. — Como nunca tive, não a posso ver.

— Eu tive quando era miúdo — explicou-lhe ele, como se isso se tivesse passado há imenso tempo. — Tenho de me apressar — desculpou-se.

Carla não o queria perder de vista tão depressa e seguiu-o para o exterior. Ritter segurava aberta a porta traseira do automóvel. — Que tipo de carro é este? — perguntou ela. Os rapazes sabiam sempre a marca dos carros.

— Uma limusina *Mercedes-Benz W10*.

— Parece muito confortável. — Captou o olhar da mãe, meio surpreendida, meio divertida.

Werner inquiriu: — Queres boleia?

— Seria bom.

— Vou perguntar ao meu pai. — O rapaz enfiou a cabeça dentro do carro e disse algo.

Carla ouviu a resposta de Herr Franck: — Muito bem, mas despachem-se!

Virou-se para a mãe: — Podemos ir de carro!

A mãe hesitou apenas um momento. Não gostava das ideias políticas de Herr Franck — financiava os nazis —, mas não ia recusar uma boleia num carro aquecido naquela manhã fria. — É muito amável da sua parte, Ludwig — agradeceu.

Entraram. Atrás, havia lugar para quatro pessoas. Ritter arrancou suavemente. — Parto do princípio de que vai para Koch Strasse, certo? — perguntou Herr Franck. Muitos jornais e editoras tinham os escritórios na mesma rua, no bairro de Kreuzberg.

— Por favor, não se desvie do seu caminho. Leipziger Strasse está muito bem.

— Gostaria muito de a levar até à porta, mas suponho que não deseja que os seus colegas esquerdistas a vejam sair do carro de um plutocrata empanturrado. — O seu tom situava-se entre o humorístico e o hostil.

A mãe lançou-lhe um sorriso encantador. — Não está empanturrado, Ludi, só um pouco gordo. — E deu-lhe uma palmadinha na frente do sobretudo.

Ele riu-se. — Estava a pedi-las. — A tensão dissipou-se. Herr Franck pegou no tubo acústico e deu instruções a Ritter.

Carla estava deliciada por partilhar um carro com Werner e queria aproveitar ao máximo, falando com ele. No início, porém, não lhe ocorria qualquer motivo de conversa. O que queria de facto dizer-lhe era: — Quando fores mais velho, achas que poderás casar com uma rapariga de cabelo escuro e olhos verdes, cerca de três anos mais nova, e inteligente? — Acabou por apontar para os patins, perguntando-lhe: — Tens jogo hoje?

— Não, só um treino depois da escola.

— Em que posição jogas? — Não percebia nada de hóquei no gelo, mas os jogos de equipa tinham sempre posições.

— Lateral direito.

— Não é um desporto um tanto perigoso?

— Não, se formos rápidos.

— Deves ser um patinador tão bom!

— Não sou mau — respondeu ele com modéstia.

Carla apanhou de novo a mãe a observá-la com um sorrisinho enigmático. Teria adivinhado os seus sentimentos em relação a Werner? Carla sentiu-se corar outra vez.

Nesse momento, o carro deteve-se defronte de uma escola e Werner saiu. — Adeus a todos! — gritou, atravessando os portões e entrando no pátio.

Ritter prosseguiu a viagem ao longo da margem direita do canal Landwehr. Carla observou as barcas, cujas cargas de carvão estavam coroadas de neve, quais montanhas. Teve uma sensação de desapontamento. Conseguira passar algum tempo com Werner, dando a entender que queria uma boleia, e depois desperdiçara o tempo a falar sobre hóquei no gelo.

Sobre que gostaria de lhe ter falado? Não sabia.

Herr Franck disse à mãe: — Li a sua coluna no *Der Demokrat*.

— Espero que tenha gostado.

— Lamentei vê-la escrever desrespeitosamente sobre o nosso chanceler.

— Acha que os jornalistas devem escrever com respeito sobre os políticos? — retorquiu a mãe alegremente. — Isso é o máximo! A imprensa nazi teria de ser cortês sobre o meu marido! Não haveriam de gostar.

— Nem todos os políticos, evidentemente — concedeu Franck, irritado.

Atravessaram o cruzamento apinhado de Potsdamer Platz. Carros e elétricos competiam com carroças puxadas a cavalo e peões, numa enorme confusão.

A mãe insistiu: — Não é melhor a imprensa poder criticar todos igualmente?

— Uma bela ideia — respondeu ele. — Mas vocês, socialistas, vivem num mundo irreal. Nós, homens práticos, sabemos que a Alemanha não pode viver de ideias. As pessoas necessitam de pão, sapatos e carvão.

— Concordo totalmente — disse a mãe. — Eu própria precisava de mais carvão, mas desejo que a Carla e o Erik cresçam como cidadãos de um país livre.

— Vocês sobrevalorizam a liberdade, que não traz felicidade às pessoas. Estas preferem a liderança. Quero que o Werner, a Frieda e o pobre Alex cresçam num país orgulhoso, disciplinado e unido.

— E, para se conseguir essa união, precisamos de rufias de camisas castanhas que espancam lojistas judeus idosos?

— A política é implacável. Não há nada que possamos fazer quanto a isso.

— Pelo contrário! Eu e você somos líderes, Ludwig, à nossa maneira diferente. A nossa responsabilidade é tornar a política menos implacável; mais honesta, mais racional, menos violenta. Se não o fizermos, falhamos no nosso dever patriótico.

Herr Franck encolerizou-se.

Carla não sabia muito sobre os homens, mas apercebeu-se de que não gostavam de receber lições sobre o dever da parte das mulheres. A mãe devia ter-se esquecido de carregar no seu botão do charme nessa manhã. Todavia, toda a gente se mostrava tensa. As próximas eleições traziam todos nervosos.

O carro chegou a Leipziger Platz. — Onde a posso deixar? — perguntou Herr Franck friamente.

— Aqui mesmo, está ótimo — respondeu a mãe.

Franck bateu na divisória de vidro. Ritter parou o carro e apressou-se a abrir a porta.

A mãe rematou: — Espero que a Frieda melhore rapidamente.

— Obrigado.

Saíram e Ritter fechou a porta.

O escritório ficava a uma distância de vários minutos, mas era óbvio que a mãe não desejava permanecer no carro. Carla esperava que a mãe não fosse discutir sempre com Herr Franck, o que lhe poderia dificultar ver Frieda e Werner. Iria odiar isso.

Partiram a um passo rápido. — Tenta não aborreceres ninguém no escritório — pediu a mãe. O tom de súplica genuína na sua voz impressionou Carla, fazendo-a sentir-se envergonhada por a afligir. Decidiu portar-se impecavelmente.

A mãe cumprimentou várias pessoas pelo caminho. Escrevia a sua coluna desde que Carla se conseguia lembrar e era bem conhecida no mundo da imprensa. Todos a tratavam por Lady Maud.

Perto do edifício onde se situavam os escritórios do *Der Demokrat*, viram alguém que conheciam: o sargento Schwab. Lutara com o pai na Grande Guerra e continuava a usar o cabelo tremendamente curto, ao estilo militar. Após a guerra, trabalhara como jardineiro, primeiro para o avô de Carla e mais tarde para o pai, mas roubara dinheiro da carteira da mãe e o pai despedira-o. Agora usava o feio uniforme

militar das Tropas de Assalto, os Camisas Castanhas, que não eram soldados, mas sim nazis, a quem fora concedida a autoridade de polícias auxiliares.

Schwab disse em voz alta: — Bom dia, Frau von Ulrich! — como se não sentisse qualquer vergonha de ser ladrão. Nem sequer levou a mão ao boné.

A mãe fez um gesto frio de cabeça e passou por ele. — Que será que faz aqui? — resmungou, inquieta, ao entrarem.

A revista ocupava o primeiro andar de um moderno edifício de escritórios. Carla sabia que uma criança não seria bem-vinda e esperava que conseguissem chegar ao gabinete da mãe sem ser vista. Todavia, encontraram Herr Jochmann nas escadas. Era um homem corpulento de óculos grossos.

— O que é isto? — admirou-se com brusquidão, falando sem tirar o cigarro da boca. — Agora temos aqui um jardim-escola?

A mãe não reagiu à sua rudeza. — Estive a refletir sobre o seu comentário do outro dia — declarou. — Sobre como os jovens imaginam que o jornalismo é uma profissão deslumbrante, sem compreenderem a necessidade do trabalho árduo.

Ele franziu o sobrolho. — Eu disse isso? Bem, é certamente verdade.

— Por isso, trouxe a minha filha para ver a realidade. Creio que será bom para a sua educação, em especial se vier a ser escritora. Vai apresentar um relatório da visita na sua turma. Tive a certeza de que aprovaria.

A mãe ia inventando aquilo enquanto falava, mas parecia convincente, pensou Carla. Ela própria quase acreditou. O botão do charme passara finalmente para a posição *On*.

Jochmann inquiriu: — Hoje não tem uma visita importante que vem de Londres?

— Sim, a Ethel Leckwith, mas é uma velha amiga. Conheceu a Carla em bebé.

Aquilo pacificou um pouco a disposição de Jochmann. — Hum. Bem, temos reunião da redação daqui a cinco minutos, assim que eu comprar cigarros.

— A Carla vai buscá-los. — A mãe virou-se para ela. — Há uma tabacaria três portas mais abaixo. Herr Jochmann gosta da marca *Roth-Händle*.

— Oh, isso poupa-me uma deslocação. — E deu a Carla uma moeda de um marco.

A mãe disse-lhe: — Quando regressares, encontras-me ao cimo das escadas, junto ao alarme de incêndio. — Virou-se e deu o braço a Jochmann, numa atitude de confiança. — Penso que o número da semana passada é possivelmente o nosso melhor de sempre — comentou, enquanto subiam.

Carla correu para a rua. A mãe escapara, usando o seu misto característico de ousadia e sedução. Por vezes afirmava: — Nós, as mulheres, temos de utilizar todas as armas que possuímos. — Pensando naquilo, deu-se conta de que usara as táticas da mãe para conseguir a boleia de Herr Franck. Afinal, talvez fosse parecida com ela. Talvez fosse por isso que ela lhe lançara aquele sorrisinho curioso: via-se trinta anos atrás.

Havia fila na loja. Parecia que metade dos jornalistas de Berlim haviam ido comprar o fornecimento do dia. Carla conseguiu, por fim, um maço de *Roth-Hündle* e voltou para o edifício do *Der Demokrat*. Encontrou facilmente o alarme de incêndio — era uma grande alavanca fixada na parede —, mas a mãe não estava no gabinete. Fora, sem dúvida, para a tal reunião da redação.

Caminhou ao longo do corredor. Todas as portas estavam abertas e a maior parte das salas encontrava-se vazia, com exceção de algumas mulheres, que deviam ser datilógrafas ou secretárias. Ao fundo do edifício, a seguir a uma esquina, havia uma porta fechada com um letreiro que dizia «Sala de Conferências». Ouviam-se vozes masculinas sonoras que discutiam. Bateu à porta, mas não obteve resposta. Hesitou e depois girou a maçaneta e entrou.

A sala estava cheia de fumo de cigarro. Cerca de oito ou dez pessoas sentavam-se em redor da mesa, e a mãe era a única mulher. Calaram-se, aparentemente surpreendidos, quando Carla se dirigiu à cabeceira da mesa e entregou a Jochmann os cigarros e o troco. O silêncio fê-la pensar que fizera mal em entrar.

Jochmann, porém, limitou-se a dizer: — Obrigado.

— Não tem de quê — retorquiu e, sem saber bem porquê, fez uma ligeira vénia.

Os homens riram-se e um deles comentou: — Uma nova assistente, Jochmann? — E Carla compreendeu que não havia problema.

Saiu rapidamente da sala e regressou ao gabinete da mãe. Não tirou o casaco, pois a sala estava fria, e observou o espaço em seu redor. Sobre a secretária via-se um telefone, uma máquina de escrever e uma pilha de papel e de químicos.

Ao lado do telefone, havia uma moldura com uma fotografia de Carla, de Erik e do pai. Fora tirada cerca de dois anos antes, num dia soalheiro, na praia, junto ao lago Wannsee, a vinte e cinco quilómetros do centro de Berlim. O pai vestia calções e estavam todos a rir-se. Fora antes de Erik começar a fingir que era um homem sério e rijo.

A única outra fotografia, pendurada na parede, mostrava a mãe na companhia do herói social-democrata Friedrich Ebert, que fora o primeiro presidente da Alemanha depois da guerra. Fora tirada havia

cerca de dez anos. Carla sorriu perante o vestido sem forma, de cintura descaída, e o corte de cabelo arrapazado; ambos deviam ser a moda da altura.

A estante continha anuários sociais, listas telefónicas, dicionários de diversas línguas e atlas, mas nada para ler. Na gaveta da secretária guardavam-se lápis, vários pares novos de luvas de cerimónia, ainda embrulhadas em papel de seda, uma embalagem de pensos higiénicos e um bloco de notas com nomes e números de telefone.

Carla atualizou o calendário de secretária para a data daquele dia, segunda-feira, 27 de fevereiro de 1933. Em seguida, inseriu uma folha de papel na máquina de escrever e escreveu o seu nome completo, Heike Carla von Ulrich. Aos cinco anos, anunciara que não gostava do nome Heike e que desejava que todos usassem o seu segundo nome. Para sua surpresa, a família fizera-lhe a vontade.

Cada tecla da máquina de escrever fazia com que se erguesse uma haste de metal que batia no papel através de uma fita com tinta, imprimindo uma letra. Quando carregou acidentalmente em duas teclas, as hastes ficaram presas. Tentou separá-las, mas não conseguiu, e carregar noutra tecla não ajudou, fazendo com que se encavalitassem três hastes. Gemeu: já se metera em trabalhos.

Um barulho vindo da rua chamou-lhe a atenção e foi até à janela. Uma dúzia de Camisas Castanhas desfilava pelo meio da rua, gritando palavras de ordem: «Morte aos Judeus! Judeus para o Inferno!» Carla não compreendia por que motivo ficavam tão furiosos com os Judeus, que pareciam iguais a toda a gente, à exceção da religião. Ficou espantada ao ver o sargento Schwab à cabeça do grupo. Tivera pena dele quando fora despedido, pois sabia que iria ser-lhe difícil arranjar outro emprego. Havia milhões de homens à procura de emprego na Alemanha, e o pai explicara que era a Depressão. A mãe, porém, questionara: — Como podemos ter em casa um homem que rouba?

O cântico mudou. Gritavam em uníssono: «Destruam os jornais judaicos!» Um deles atirou qualquer coisa e um vegetal podre esborrachou-se contra a porta de um jornal nacional. Em seguida, para horror de Carla, viraram-se para o edifício onde se encontrava.

Afastou-se da janela e espreitou pela beira do caixilho, na esperança de que não a vissem. Pararam lá fora, ainda a cantar. Um deles atirou uma pedra, que embateu na janela de Carla sem quebrar o vidro. Mesmo assim, soltou um gritinho de medo. Passado um momento, entrou uma das datilógrafas, uma jovem de boina vermelha.

— Que se passa? — inquiriu, olhando, então, pela janela. — Que diabo!

Os Camisas Castanhas entraram no edifício, e Carla ouviu o som de botas nas escadas. Assustou-se. Que iriam fazer?

O sargento Schwab entrou no gabinete da mãe. Hesitou ao ver as duas mulheres e, em seguida, pareceu ganhar coragem. Pegou na máquina de escrever e atirou-a pela janela, estilhaçando o vidro. Carla e a datilógrafa gritaram.

Entraram mais Camisas Castanhas, gritando as suas palavras de ordem.

Schwab agarrou a datilógrafa pelo braço e vociferou: — Muito bem, querida, onde está o cofre?

— Na sala dos arquivos — informou-o ela com voz aterrorizada.

— Mostra-me!

— Sim, o que quiser!

E levou-a pela porta fora. Carla começou a chorar, mas depois conteve-se.

Pensou em esconder-se debaixo da secretária, mas hesitou, pois não lhes queria mostrar como estava assustada. Havia algo no seu íntimo que queria desafiá-los.

Que devia fazer, porém? Decidiu avisar a mãe.

Foi até à porta e perscrutou o corredor. Os Camisas Castanhas entravam e saíam dos gabinetes, mas não tinham chegado ao fundo, e Carla não sabia se as pessoas na Sala de Conferências conseguiam ouvir o tumulto. Correu pelo corredor tão depressa quanto podia, mas um grito deteve-a. Olhou para dentro de um gabinete e viu Schwab a abanar a datilógrafa da boina vermelha, gritando: — Onde está a chave?

— Não sei, juro que estou a dizer a verdade — choramingava a jovem.

Carla sentiu-se indignada. Schwab não tinha o direito de tratar assim uma mulher, e gritou-lhe: — Deixa-a em paz, Schwab, grande ladrão!

Schwab encarou-a com ódio no olhar e, de súbito, Carla ficou dez vezes mais assustada. Nesse momento, o olhar dele deslocou-se para alguém atrás dela e ordenou: — Tira a miúda do caminho!

Alguém a agarrou por trás. — És uma judiazinha? — perguntou uma voz masculina. — Até pareces, com essa cabeleira escura.

Aquilo aterrorizou-a. — Não sou judia! — gritou.

O Camisa Castanha levou-a de novo pelo corredor e enfiou-a no gabinete da mãe. Carla tropeçou e caiu no chão. — Fica aqui! — ordenou o homem e desapareceu.

Carla pôs-se de pé. Não se ferira. O corredor estava agora cheio de Camisas Castanhas e não conseguia chegar junto da mãe. Não obstante, tinha de pedir ajuda.

Olhou pela janela estilhaçada. Na rua, juntava-se uma pequena multidão. Entre os espetadores, viam-se dois polícias a conversar. Carla gritou-lhes: — Socorro! Socorro! Polícia!

Eles viram-na e riram-se, o que a enfureceu. A fúria abrandou-lhe o medo, e olhou de novo para fora do gabinete. O seu olhar pousou no alarme de incêndio da parede. Ergueu a mão e agarrou a alavanca.

Hesitou, pois não se devia acionar o alarme a não ser em caso de fogo. Na parede, um aviso recordava as pesadas penas.

Puxou na mesma a alavanca.

Por um momento, nada aconteceu; talvez o mecanismo não funcionasse.

Em seguida, ouviu-se uma buzina sonora e áspera, cujo som subia e descia, enchendo o edifício.

Quase imediatamente, as pessoas da Sala de Conferências apareceram ao fundo do corredor, encabeçadas por Jochmann. — Que diabo se passa? — questionava, irado, gritando por cima do som do alarme.

Um dos Camisas Castanhas declarou: — Este pasquim judeu e comunista insultou o nosso líder e vamos fechá-lo.

— Saia já do meu escritório!

O Camisa Castanha ignorou-o e entrou noutra gabinete. Logo em seguida, ouviu-se um grito de mulher e um estrépito que parecia uma secretária de metal a ser virada.

Jochmann virou-se para um colaborador: — Schneider, chama imediatamente a polícia!

Carla sabia que isso de nada serviria, a polícia já ali estava e não agia.

A mãe abriu caminho por entre o aglomerado de pessoas e correu ao longo do corredor. — Estás bem? — gritou. E lançou os braços em volta da filha.

Carla não queria ser confortada como uma criança e, afastando a mãe, garantiu-lhe: — Estou bem, não se preocupe.

A mãe olhou em seu redor. — A minha máquina!?

— Atiraram-na pela janela. — Apercebeu-se de que já não iria ter problemas por ter encravado o mecanismo.

— Temos de sair daqui. — A mãe agarrou rapidamente na fotografia da secretária, segurou na mão de Carla e apressaram-se a abandonar o gabinete.

Ninguém tentou impedi-las de correr pelas escadas abaixo. À sua frente, um jovem bem constituído, que talvez fosse um dos repórteres, lutava com um dos Camisas Castanhas, prendendo-lhe a cabeça e arrastando-o para fora do edifício. Carla e a mãe imitaram-nos, seguidas por outro Camisa Castanha.

O repórter aproximou-se dos dois polícias, ainda a arrastar o Camisa Castanha. — Prendam este homem — bradou. — Dei com ele a roubar o escritório. Encontrarão um frasco de café roubado no seu bolso.

— Solte-o, por favor — pediu o mais velho dos polícias.

Com relutância, o repórter soltou o Camisa Castanha. O segundo postou-se ao lado do colega.

— Como se chama? — perguntou o polícia ao repórter.

— Chamo-me Rudolf Schmidt, primeiro correspondente parlamentar do *Der Demokrat*.

— Rudolf Schmidt, prendo-o, acusado de atacar um polícia.

— Não seja ridículo. Apanhei este homem a roubar!

O polícia fez um gesto de cabeça aos dois Camisas Castanhas. — Levem-no para a esquadra.

Agarraram Schmidt pelos braços. Este pareceu prestes a lutar, mudando depois de ideias. — Todos os pormenores deste incidente aparecerão no próximo número do *Der Demokrat*! — afirmou.

— Não haverá próximo número — garantiu-lhe o polícia. — Levem-no.

Chegou um carro de bombeiros, de onde saltou uma meia dúzia de homens. O chefe falou bruscamente com a polícia. — Precisamos de evacuar o edifício — anunciou.

— Voltem para o vosso quartel, não há fogo nenhum — informou-os o polícia mais velho. — São apenas as Tropas de Assalto a fechar uma revista comunista.

— Isso não me diz respeito — declarou o bombeiro. — O alarme tocou e a nossa primeira tarefa é evacuar toda a gente, incluindo as Tropas de Assalto. Não precisamos da vossa ajuda. — E conduziu os seus homens para o interior do edifício.

Carla ouviu a mãe exclamar: — Oh, não! — Virou-se e viu-a a olhar para a máquina de escrever, que jazia no passeio, onde caíra. O invólucro de metal separara-se, expondo as junções entre as teclas e as hastes. O teclado estava retorcido, uma das extremidades do cilindro soltara-se e a campainha que sinalizava o fim da linha jazia desoladamente no chão. Uma máquina de escrever não era um objeto precioso, mas a mãe parecia estar prestes a chorar.

Os Camisas Castanhas e o pessoal da revista saíram do edifício, conduzidos pelos bombeiros. O sargento Schwab resistia, gritando, furioso: — Não há fogo nenhum! — Os bombeiros, porém, continuaram a empurrá-lo.

Jochmann saiu e disse à mãe: — Não tiveram tempo de fazer muitos estragos, os bombeiros impediram-nos. Quem tocou o alarme prestou-nos um grande serviço!

Carla, que se apoquentara com a possibilidade de ser repreendida por causar um falso alarme, compreendeu que agira exatamente da melhor maneira.

Pegou na mão da mãe, o que pareceu arrancá-la ao seu momentâneo instante de dor. Limpou os olhos à manga, um ato raro e que revelava como estava profundamente abalada; se Carla tivesse feito aquilo, ter-lhe-iam dito que usasse o lenço.

— Que fazemos agora? — A mãe nunca dizia aquilo, sabia sempre como proceder.

Carla apercebeu-se de duas pessoas ali perto. Ergueu o olhar e viu uma mulher aproximadamente da idade da mãe, muito bonita, com um ar de autoridade. Conhecia-a, mas não conseguia identificá-la. A seu lado, via-se um rapaz com idade para ser seu filho. Era magro, não muito alto, mas fazia lembrar uma estrela de cinema. Tinha um rosto bonito, que podia quase ser considerado demasiado belo, não fora o nariz esborrachado e torto. Os recém-chegados pareciam chocados e o rapaz estava pálido de fúria.

A mulher foi a primeira a falar, usando a língua inglesa: — Olá, Maud — saudou. A voz era vagamente familiar a Carla. — Não me reconheces? — prosseguiu. — Sou a Eth Leckwith, e este é o Lloyd.